2.ª SERIE. TOMO III.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 6. QUINTA FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 1850. 10.º ANNO.

## O DUQUE DE PALMELLA.

Entre as grandes, e notaveis épochas, não só da nossa historia portugueza, mas tambem da historia de todas as nações; poucas haverá, que excitem no futuro um mais vivo interesse do que o periodo que abrange os ultimos dez annos do seculo passado, e os quarenta primeiros do presente. É esta a épocha em que eu tenho vivido, e quiz a sorte que me achasse envolvido quasi sempre activamente nas agitações politicas da nossa patria, concorrendo as missões diplomaticas que desempenhei, para que eu presenceasse os acontecimentos prodigiosos, de que a Europa foi theatro neste meio seculo, e para habilitar-me a conhecer pessoalmente as principaes personagens que nelle figuraram.

DUQUE DE PALMELLA — *Discursos Parlamentares.*



Um resumo da vida do Duque de Palmella são estas palavras, singelamente escriptas, com o coração a transparecer no estylo.

É depois de as lêr, que tomámos a penna, para cumprir a missão de jornalista, escrevendo uma fraca memoria ao lado de tantas illustres, que a imprensa de varias nações lhe vae tributar.

O Duque retratou-se descrevendo, em duas linhas, a era notavel em que viveu, e collocando-se entre os acontecimentos em que tomou parte, e os homens illustres que foi obrigado a conhecer.

É cedo ainda para ousar abrir a historia portugueza do meio seculo, que está a findar, sobre a sepultura de um dos maiores homens de Estado de Portugal, e um dos mais considerados da Europa.

Respeitemos o sêllo, com que a morte firmou no jazigo do Duque muitas das paginas dessa historia.

Da vida do Duque tres partes nos appareceram no seu funeral — a riqueza, as honras e o caracter.

A pompa funebre dos officios resados ante o seu cadaver, o dobrar dos sinos em todas as parochias da cidade, a harmonia das vozes e dos instrumentos, echoando no templo vestido de lucto e oiro, eram annuncios de que se finára um homem querido da fortuna.

Os altos cargos da Côrte, os primeiros funccionarios do Estado, a Camara dos Pares quasi completa, o Corpo Diplomatico Estrangeiro, os representantes das corporações a que o Duque pertencia, juntos aos seus amigos, e assistindo á triste e religiosa despedida dos homens ao cadaver de um seu irmão, eram provas de que as maiores honras que uma nação possue, tinham sido conferidas ao que se fizera considerado pela sua patria.

As alas, com que muitos mil habitantes da capital guarneceram o longo transito, por onde o cadaver do Duque foi levado, desde a Egreja da Encarnação até ao Cemiterio dos Prazeres, são prova plena, mais alta do que todas as provas, de que esse cadaver era o de um homem respeitado e estimado pelo seu caracter.

É aqui nesta parte do funeral, que iremos buscar as tintas para o fundo do retrato, que o Duque traçou nas palavras que ficam transcriptas.

O troar do canhão, o descarregar das armas e todo o esplendor das tropas, recebendo o cadaver

do Duque ás portas do Cemiterio, não nos passaram dos ouvidos e dos olhos para a alma.

O silencio e o respeito com que tantas mil pessoas vieram postar-se no transito, por onde esse cadaver foi levado, formaram a massa grandiosa e confusa em que lemos um desses eternos dictames da Providencia, que faz respeitaveis do povo a intelligencia e o coração.

O Duque possuia intelligencia e alma, que todos avaliavam.

A dynastia reinante, olhando para a corôa, não deverá nunca esquecer o Duque. Os pobres conservarão a memoria do homem esmoler, que Deus fez chefe de uma numerosa familia, a qual educou para exemplo de virtudes e amparo dos que mais precisam da caridade.

Pela intelligencia e dedicação, o Duque se ligou á corôa, pelo coração, se uniu aos pobres. É assim que as almas grandes reinam ao pé do throno, e perto do alvergue, e que resumem, nas poucas datas que seguem, a gloriosa historia de um grande homem.

O Duque nasceu em Turim aos 8 de Maio de 1781. Foi baptisado com o nome de D. Pedro de Sousa Holstein.

Foi seu pae D. Alexandre de Sousa Holstein, casado com D. Isabel Juliana de Sousa Monteiro Paim.

D. Alexandre de Sousa era filho de D. Manuel de Sousa e da Princeza Mariana Leopoldina de Holstein.

Por este modo, os progenitores do Duque eram a união de um descendente da corôa portugueza com um dos illustres ramos da casa real de Holstein. (*)

D. Pedro de Sousa, pela melhor genealogia, era 15.° neto d'El-rei D. Affonso III. A sua educação foi digna do berço illustre em que nasceu. — Veio mui novo para Portugal, e aos 15 annos sentou praça no Regimento de Mecklemburgo. Um anno depois foi feito Capitão e nomeado Ajudante de Campo do Marechal General, Duque de Lafões.

Em 1799 foi servir como Capitão aggregado para o Regimento de Cavallaria de Alcantara.

O Principe Regente o nomeou, tres annos depois, Conselheiro da Embaixada em Roma.

Em 1803 a morte de seu pae lhe trouxe a posse do morgado de Calhariz, de que foi 13.° senhor e dos morgados de Monfalim, e Fonte de Anjo no condado de Sanfrê. Succedeu a seu pae no commando da guarda real.

Aos 24 annos, a altura do seu espirito o tinha já elevado ao cargo de encarregado de negocios interino, na corte de Roma.

O moço diplomata, durante a invasão franceza, trocou a penna pela espada, e pelejou pela liberdade da sua patria. Em 1809 foi promovido a major de cavallaria.

Expulsos os francezes do reino, em 1809, foi-lhe confiada a difficil missão de Ministro plenipotenciario, junto da Regencia de Hispanha. Por esse tempo havia D. Pedro de Sousa casado com D. Eugenia Francisca Xavier Telles da Gama, filha da Marqueza de Niza e de Cascaes, Condessa da Vidigueira e de Unhão, e de D. Domingos de Lima, da casa dos Marquezes de Ponte de Lima. Este casamento uniu o descendente de duas familias reaes, á herdeira dos nomes de Vasco da Gama e João das Regras. Partiu para Cadiz, acompanhado pela sua joven esposa, e ahi passaram a triste quadra de um sitio, aggravado pelos horrores da febre amarella, que em 1811 devastou essa cidade.

Ahi nasceu o seu primeiro filho, D. Alexandre, que morreu aos 20 annos, com o titulo de Conde de Calhariz, e que ainda hoje é chorado como grande perda para a sua illustre familia e para a patria.

Em 1814 foi Ministro plenipotenciario em Londres, e ahi tomou parte activa nos mais ponderosos negocios, que se resolviam em todos os gabinetes da Europa. A intelligencia superior, de que deu provas neste importante logar, o levou ao celebre Congresso de Vienna.

Na sciencia politica, está o nome do Duque vinculado por meio dos protocollos desse Congresso. A sua memoria ha de passar, com louvor, da historia diplomatica de uma épocha para a historia da seguinte. A mão do Conde de Palmella, escrevendo em 30 de Seremboro de 1815 a celebre nota dirigida a Lord Castlereagh, ga-

(*) As casas dos Condes de Miranda e Marquezes de Arronches tiveram por origem Affonso Diniz, filho natural de El-rei D. Affonso III. D. João V casando seu irmão legitimado, D. Miguel, com a herdeira da casa de Arronches, concedeu a esta senhora o titulo de Duqueza de Lafões com tratamento de Alteza. Foi Affonso Diniz bisavô de D. Lopo Dias de Sousa, avô materno de João Fernandes da Silveira, Chanceller-mór dos Reis D. Affonso V e D. João II. D. Filippe de Sousa, filho segundo de João Fernandes da Silveira, foi 6.° avô por linha masculina de D. Manoel de Sousa, que a 1 de Agosto de 1785 casou com uma Princeza da casa real de Holstein.

nhára o direito de assignar as actas do Congresso, em que a nova divisão politica da Europa se determinaria, sem audiencia de Portugal, se essa nota não fosse escripta.

Em 1818, foi o Conde de Palmella encarregado por El-Rei D. João VI, de varias missões importantes, junto á côrte de Paris.

Sendo nomeado Ministro de Estado para o Rio de Janeiro, partiu de França em um navio inglez, que fazia escalla por Lisboa. Assistiu á revolução de 24 de Agosto de 1820. A revolução não seguia o caminho, que o Conde julgava conveniente, e elle partiu para o Rio, prevendo, talvez, a gravidade dos acontecimentcs, que se íam seguir. Nos conselhos da corte do Rio, parece que os votos do Conde não foram ouvidos. Com a patente de Marechal de Campo voltou para Portugal. As preciosas memorias, que o Duque deixou, farão justiça completa á lealdade do seu caracter, durante o periodo incerto e cortado de intrigas, que vinha de se abrir na historia portugueza. A sua penna, dando luz a muitos factos historicos, provará que, ao bem da patria, sacrificou as opiniões encontradas, que as paixões poderiam fazer da rectidão das suas intenções e da lucidez do seu juizo.

O notavel diplomata do Congresso de Vienna padeceu o primeiro revez da fortuna ao chegar ao reino. Foi retido a bórdo do navio, em que vinha, por ordem das Côrtes de 1820, e dahi lhe ordenaram que fosse residir em Borba, no Alemtejo. Desviado assim do ruido dos negocios publicos, ahi, na linda quinta do Sr. Conde das Galvêas, acabou de comprehender que a esposa, a que se ligára, valia mais do que todas as grandezas. Essa ligação de idéas de dois seres, em um uma só vida moral, tomou corpo, e tornou-se indissoluvel depois do desterro de Borba.

A Duqueza, que tem o repouso dos seus restos ao lado dos restos do Duque, foi, desde esse infortunio, inseparavel dos actos importantes da vida de seu esposo. Deus a collocou ao seu lado, como um anjo que o velava nas tribulações da vida. Assim como os seus bustos se levantam unidos sobre a pedra, que está cobrindo a sua ultima morada, tambem os factos da vida do Duque se gravam na memoria associados ao nome de sua esposa.

Em 1823, tendo El-Rei reassumido o poder absoluto, o Conde de Palmella, então feito Marquez, foi chamado ao gabinete como garantia offerecida a muitos dos que não approvaram o facto.



Os acontecimentos de 30 de Abril de 1824 lhe trouxeram novo infortunio. O Marquez de Palmella foi preso na Torre de Belem. A sua esposa, companheira carinhosa do exilio de Borba, foi o anjo salvador, que teve a satisfação de alcançar a ordem de o soltarem, sendo ella a portadora de tão boa nova. Depois o Marquez foi novamente mandado pelo Sr. D. João VI para a Embaixada de Londres.

Deste periodo em diante, o furor das paixões nos impede de moralisar os actos da vida do Duque: estão ainda quentes de sangue esses campos de guerra, que as dissenções do seculo, em que vivemos, converteram em degraus do throno de Portugal.

Em 1826, tendo o Sr. D. Pedro IV outhorgado a Carta Constitucional, foi o Marquez de Palmella nomeado Par do Reino, e recebeu credenciaes para o representar na corte de Londres. Protestou contra o reinado do Sr. D. Miguel, e combateu-o constantemente, tanto no gabinete, como no campo. Foi nomeado Presidente da Regencia da Ilha Terceira, e começou o exercicio das suas importantes funcções a 15 de Março de 1830. Chegando á Ilha o Sr. D. Pedro, o Marquez passou da Presidencia da Regencia para Ministro dos Negocios Estrangeiros, e até Dezembro de 1832 exerceu este cargo.

Nesse mez partiu do Porto para Londres. Quando o Sr. Duque da Terceira entrou em Lisboa, o Duque de Palmella, encarregado do governo supremo, constituiu então o governo. O titulo de Duque do Fayal, mudado para o de Duque de Palmella, foi premio dos seus incançaveis e zelosos trabalhos pela causa da Rainha. Depois da morte do Regente, foi nomeado, em 26 de Setembro de 1838, Presidente do Conselho de Ministros sem pasta. Depois fez parte de differentes Ministerios, sendo, em 16 de Jameiro de 1835, nomeado Ministro dos Negocios Estrangeiros, em 27 de Maio seguinte voltou a essa pasta, que tinha deixado em 28 de Abril: em 17 de Fevereiro de 1842, foi Presidente do Conselho de Ministros, e em Maio de 1846, novamente fez parte do Ministerio.

Em 1835 o Duque pediu, e obteve, a demissão do posto de Marechal de Campo. A revolução de Setembro de 1836 encontrou o Duque longe dos negocios publicos. Em seguida á revolução, partiu para Londres. Em 1838 foi nomeado Embaixador Extraordinario, para assistir á coroação da Rainha Victoria. Nesse anno

foi por varios circulos eleito Senador, e veio tomar assento na Camara, da qual, por vezes, foi eleito Presidente.

Em 1836, foi celebrado o casamento do Marquez do Fayal, filho do Duque, com a filha dos Condes da Povoa. — A morte do filho varão desta casa, fez passar toda a sua grande fortuna para a nora do Duque.

O Duque, seu filho e sua nora, ficaram senhores de tão avultados cabedaes. O Duque não esfriou o seu antigo patriotismo. Acima da patria não conheceu nunca nenhum sentimento. Os seus dias e os de sua virtuosa e tão lembrada esposa, foram mui cortados pelos desgostos, que a dedicação pelo paiz lhes trouxe para sobre o coração.

A Europa está em uma quadra de oscilações, a acção e a reacção assentam nos pratos da balança politica. É mister o equilibrio para evitar o cataclysmo.

Em Portugal o fiel de tão difficil equilibrio era o Duque de Palmella. A sua fortuna era garantia da sua independencia, a sua intelligencia elevada, e o seu vasto saber alimentavam as esperanque nelle se depositaram sempre. Firme no seu posto, os partidos, em horas de agonia, procuravam o nivel da sua posição, sem que o Duque descesse do logar, em que a Providencia o tinha collocado, depois que a sua mão consolidou a corôa na cabeça da Rainha.

O Duque appareceu sempre ao lado do throno, com o peito descoberto aos perigos, quando, por tres vezes, o equilibrio politico do Governo se rompeu pelas revoluções. Em 1842 e 1846, a pasta de Ministro lhe esteve nas mãos. Leal á sua consciencia e aos seus principios, em 1844 desapprovou a revolução de Torres Novas.

Se um dia, os ondas de uma revolução correrem outra vez sobre o paiz, se as espadas em campos oppostos se alçarem para afogarem em sangue novas ambições, então se conhecerá o que era o Duque. O paiz, que lhe mereceu o sacrificio do repouso da ultima quadra da vida, conhecerá que não é um Duque mas um iris de paz e consolação, que o sêllo do sepulchro guarda no jazigo do camiterio dos Prazeres.

O Duque foi grande nos ultimos dias da vida, como o fôra na sua longa e brilhante carreira publica. Como sua esposa, voltou a Lisboa só para morrer no meio dos seus, e do povo desta cidade, que tanto amor e respeito lhe tinha. Os ultimos momentos foram de christão e de bom pae. As suas ultimas vontades foram confiadas ao seu intimo amigo, o illustre cavalheiro, Reis e Vasconcellos. Em Abril fizera dois annos, que a perda da Duqueza o aproximava todos os dias da sepultura.

Deus não permittiu que o Duque ignorasse o quanto a sua morte seria sentida, e na primavera, tão perto o aproximou da sepultura, que o Duque, ao levantar-se do leito, que para elle era quasi a mortalha do Lazaro, achou as provas de quantos amigos tinha, e de quanto o receio da sua morte era por todos manifestado.

Aquelle dia de S. Pedro no Lumiar — a alegria de todos quantos em tão sumptuosa festa saudaram o restabelecimento do Duque, e as esperanças realisadas da carinhosa familia, que em volta do seu illustre chefe formava uma aureola de puro e santo affecto: — eis-ahi as imagens que o Anjo de sua guarda no derradeiro transe não deixaria de lhe acordar na mente. Os festões de flores que tanto ornaram essa festa, ahi foram, ha pouco, trocadas pelos agoiros da campa: as harmonias da festíva musica converteram-se no religioso e triste canto do *Dies irae:* — as gallas de um palacio de principe foram subtituidas pelo respeitoso lucto de um templo.

A 12 de Outubro, pelas 5 horas e meia da tarde, um christão expirou em uma das camaras do antigo palacio do Conde da Povoa. A hora que ia correr, era a primeira da orphandade de uma das mais estimadas e respeitadas familias de Portugal.

A 15 pela mesma hora, o troar do canhão annunciava que baixava á sepultura o cadaver de D. Pedro de Sousa Holstein, 1.º Conde, 1.º Marquez, e 1.º Duque de Palmella, 15.º neto d'El-Rei D. Affonso III, Conde de Sanfré no Piemonte, conselheiro de estado, ministro e secretario de estado honorario, presidente vitalicio da camara dos dignos pares, condecorado com as gram-cruzes das Ordens de Christo e da Torre-Espada, com o collar da insigne Ordem do Tosão de Ouro, com a gram-cruz de Carlos III em Hespanha, com as da Legião de Honra em França, e de S. Alexandre Newski na Russia, e com o habito de S. João de Jerusalem, capitão da guarda real.

Os milhares de pessoas, que assistiram e acompanharam as ultimas honras feitas ao Duque, diziam, na sua respeitosa tristesa: —

Morreu um bom portuguez!

Nós fazendo por traduzir estas palavras nas

linhas, que apressadas traçamos perto da sua sepultura, ainda mal cerrada, damos por finda a nossa missão com o desejo de que —

Descance em paz.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

---

# SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

## CAMARAS MUNICIPAES.

(Continuado de pag. 53.)

*Rendimentos proprios dos Conselhos.*

73 Todas as nações antigas, e que por uma vertigem popular não destroem pelos alicerces todo o seu passado, como fez a França, na sua revolução maior, devem ter uma vantagem sobre as outras mais modernas, a qual é a accumulação de capitaes em muitas das suas cidades e villas, por effeito das doações que os cidadãos beneficos e opulentos, dalli oriundos, lhe vão fazendo para diversos fins filantropicos, supprindo-se por via desta bem entendida generosidade a muitas das necessidades dessas cidades e villas, necessidades que de outra fórma teriam de ser costeadas menos liberalmente por impostos publicos. Estas necessidades dizem respeito, com particularidade, á salubridade, á educação, etc.

Os rendimentos proprios dos nossos concelhos não sei se foram affectados (ao menos não me proponho agora essa indagação) pela nossa mudança de regimen, mas é certo que geralmente fallando, são pequenos, e muito conviria, ao que me parece, que elles fossem maiores, pelos motivos que vão apontados, de aliviar os povos de algumas das suas contribuições municipaes. O modo de obter o augmento designado, não o saberei indicar, mas que todo o total dos rendimentos proprios dos concelhos, abatendo o de Lisboa, seja unicamente (331:939$—210:654$) 121:285 réis denota uma penuria lastimavel.

Ha demais ainda como que para aggravar essa penuria uma desegualdade na distribuição desses rendimentos que merece ser considerada. O districto de Portalegre, por exemplo, tem nesses rendimentos 25:066$ réis, não tendo o do Porto mais de 5.755$ réis. Esta inversão de sommas podia dar logar a algumas pesquizas por parte da Auctoridade, porque attendendo á riqueza dos respectivos districtos, nada admirava que o Porto tivesse não só 25 contos de proprios como Portalegre, mas que tivesse o dobro dos 25, e que Portalegre só tivesse os 5 que tem o districto do Porto.

*Confrontação entre Rendimento total dos districtos, decima, congruas, expostos, e ensino municipal.*

Todas as outras secções deste exame estatistico dos mappas das contribuições municipaes tem importancia bastante para deverem ser meditadas pelo legislador, mas esta ultima secção deste exame, é, quanto a mim, a mais importante de todas. Os meios pecuniarios de um povo na sua generalidade, por mais bem dotado que elle seja de riqueza, é bem sabido, são sempre limitados. Por esta razão não póde deixar de haver muito tento em o não avexar de contribuições, e deve exercer-se toda a intelligencia em discriminar quaes dellas são as que se quer de preferencia que elle pague com pontualidade. Pedir-lhe exactidão para o pagamento de todas, se ellas são umas poucas, é tempo perdido, e o resultado vem a dar em elle não poder pagar nenhuma dellas, senão com muita difficuldade.

A congrua dos parochos, applicando o facto ao texto que acabo de expender, monta a perto de 630 contos. A dotação do clero parochial não devia montar a similhante somma, o mais a que devia subir era a metade desta quantia, arredondadas que fossem as parochias. Esse arredondamento devia sem duvida effectuar-se, mas como assim não acontece ¿quaes julgam que são os males que causa essa falta, que parece de nenhuma valia? São nada menos do que a cobrança da decima, que é para o Thesouro Publico, ser sacrificada, porque o povo dando de mais para as congruas, que são do pé da porta, já não póde dar o que deve para a decima, que é para o Estado, que está longe da parochia.

Ninguem se tem feito cargo de tornar palpavel esta minha supposição da equação fiscal, que se opera no pagamento dos tributos, quando elles são excessivos, mas ahi estão os dados arithmeticos que nos fornecem as congruas e a decima, que não deixam de patentear, com toda a evidencia, um dos motivos do atraso de que tantas queixas ha, no pagamento das decimas. Temos, por exemplo, o districto de Braga com 98 contos de decima, pagando 82 contos para congruas: temos mais Vianna com 51 de decima e 44 de congruas; Villa Real 42 de decima, e 42 de congruas; Guarda 43.2 de decima e 43.8 de congruas ¿ora aonde devem ir parar todas estas exhorbitancias? A resposta é obvia. Eu escolhi 4 districtos por serem mais salientes, mas aqui se segue a razão em que a decima está para as congruas em todos elles.

| Reputando a decima em | 1.00 |
|---|---|
| Braga paga de congruas | 0.83 |
| Porto | 0.37 |
| Vianna | 0.86 |
| Bragança | 0.87 |
| Villa Real | 0.98 |
| Aveiro | 0.69 |
| Coimbra | 0.57 |
| Vizeu | 0.87 |
| Guarda | 1.01 (1) |
| Castello Branco | 0.51 |
| Leiria | 0,50 |
| Santarem | 0.28 |
| Lisboa | 0.09 |
| Béja | 0.40 |
| Evora | 0.25 |
| Portalegre | 0.25 |
| Faro | 0.46 |

Nestes 17 districtos ha o de Lisboa que paga 9 em 100 para congruas, e ha o da Guarda que paga 101

em congruas por cada 100 em decima, ou onze vezes mais do que paga o de Lisboa. Estas disparidades fallam por si, para haverem de ser, incontinenti, remediadas, isto independente da dotação em excesso que ha para o clero provincial.

Assim como as congruas estão em desharmonia com a decima, tambem a contribuição para os expostos precisa de revisão. Sobre esta contribuição quasi que não ha um só concelho, que não alevante brados. É este um objecto da mais vital consequencia, não só pela despeza a que ascende, mas pela complicação e prejuisos que induz na população legitima. É monstruoso, na verdade, vêr como para os expostos se gastam mais de 293 contos, em quanto para o Ensino da infancia não concorrem os concelhos com mais de 20 contos. Não póde haver uma inconveniencia maior do que esta. Basta ella para a civilisação não poder dar um passo em Portugal.

A instrucção primaria calculando a fracção com que cada districto concorre para ella, não vem, como se póde vêr da tabella infra, a dar mais em cada 10.000 réis do que em

| | |
|---|---|
| Braga | 90 réis |
| Porto | 80 |
| Vianna | 100 |
| Bragança | 180 |
| Villa Real | 150 |
| Aveiro | 210 |
| Coimbra | 190 |
| Vizeu | 10 |
| Guarda | 150 |
| Castello Branco | 20 |
| Leiria | 170 |
| Santarem | 10 |
| Lisboa | 6 |
| Béja | 20 |
| Evora | 70 |
| Portalegre | 10 |
| Faro | 60 |

Doloroso espectaculo é uma postergação tal como é esta, contra o primeiro dever do homem em sociedade, qual é o de dar instrucção á infancia. A consignação de uma fracção tão imperceptivel como é o auxilio com que concorrem as Camaras de Portugal, para o ensino primario, é um vilipendio indelevel para todos nós, sendo os rendimentos dos districtos 1.690 contos, e o da decima, outros 1.598 contos, ou, entre um e o outro, 3.288 contos.

Uma melhor distribuição destes fundos devia dar o necessario para a dotação da instrucção publica, e para desonerar o Thesouro desse encargo. Muito facil seria confeccionar a lei, que devia servir para este effeito.

Eu disse anteriormente, que era da primeira necessidade medir as forças dos contribuintes, com os tributos que delles se devem exigir. Não tem, nem deve ter oppugnação este axioma.

Todos sabem hoje aproximadamente qual é o rendimento da nossa agricultura, desde a publicação do mappa inserto no n.º 43 do tomo 3.º deste Jornal.

A estimativa que alli se fez, para pouco deve valer, onde os districtos tem outros ramos de industria que não sejam os da cultura da terra, ou que são banhados pelo mar, como o do Porto, o de Vianna, o de Coimbra, o de Lisboa, e ainda algum outro que tiver por si alguma circumstancia favoravel. Exceptuando estes, é querer o fisco operar com demasiado rigor, para, em decima e contribuições municipaes, tirar do districto de Braga tanto como quasi 10 por cento do producto bruto da sua cultura; do districto de Bragança tambem quasi os mesmos 10 por cento; do de Aveiro 9 por cento; do de Vizeu e da Guarda 8⅝, e do de Castello Branco e de Faro 10 e 12 por cento. Muito melhor fôra para fazer certa a decima, que ella se rebaixasse. Assim iria melhor para o Thesouro, e se animaria mais a agricultura.

*(Continúa.)*

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

---

## NOVO SALINOMETRO.

74 Mr. Cavé, engenheiro maquinista, acaba de imaginar e pôr em pratica um apparelho que, na opinião do *Technologiste* de Julho ultimo, prestará grandes serviços á navegação maritima por vapor.

Não póde fazer-se vapor, acto continuo, com a agua do mar sem obter nas caldeiras depositos de sal. Para evitar que estes depositos formem ou promovam incrustações é forçoso, quando a saturação da agua excede certos limites, despejar em parte as caldeiras e alimental-as de novo. Esta operação faz-se quasi todas as tres horas. Alguns constructores empregam um systema differente; por cada quatro litros de agua do mar que se introduz, retira-se um, e isto acto continuo.

Porém, qualquer que seja o methodo que se empregue, importaria conhecer sempre o grau de saturação da agua das caldeiras, porque, não sendo assim, ficam expostas a residuos, e incrustações, e portanto a explosões. Para conhecer, por consequencia, este grau de saturação, não ha hoje outro meio senão tirar uma pequena quantidade por meio de uma torneira, e proceder a uma operação para verificar a quantidade de sal que contém a agua.

Escusado é dizer que este systema não offerece nem as vantagens, nem a segurança que se poderia desejar. Em logar de fazer essas operações, o fogueiro muitas vezes deita fóra agua já fervente quando a saturação não é grande; do que provêm uma perda consideravel de combustivel. Algumas vezes o fogueiro julga que não se chegou ao limite quando já se tem excedido ha muito tempo; então o perigo é grande e imminente.

De certo que todos estes inconvenientes se evitariam se o fogueiro podesse ver a cada instante, sem fazer operação alguma, e somente olhando para o seu nivel de agua, o gráu de saturação de agua da caldeira. Foi este problema que Mr. Cavé resolveu com o melhor exito.

Mr. Cavé colloca em o nivel de agua, convenientemente disposto, um areometro (pesa licôres) de vidro ou de metal, a que deu o nome de *salinometro*, graduado de modo que indica principalmente quando a agua é tal qual o mar a fornece, quando ella tem chegado ao gráu de saturação em que convem despe-

jar a sua parte, e finalmente quando haveria grande perigo em não fazer-se esta operação.

Havia que vencer muitas difficuldades: cumpria que o areometro fosse bastante solido e bem regular, que não se alterasse facilmente, para que as indicações sempre fossem visiveis, apezar de não ser sempre transparente a agua do mar.

Mr. Cavé construindo o seu salinometro parte de vidro e parte de metal, ou todo de metal, dispondo por cima e por baixo do mesmo anteparos elasticos, para que os mais fortes balanços não possam destruil-o ou desordenal-o, e por fim, collocando os signaes indicadores de modo que se vejam a todos os momentos, deu ao seu apparelho todas as qualidades de uma invenção simples e pratica.

Não é necessario pôr em relevo as vantagens superiores do salinometro. É evidente que fallando de continuo aos olhos, tornando inutil o ensaio da agua, fará a navegação maritima por vapor não só mais economica, por quanto não se gastará mais do que a quantidade de combustivel restrictamente necessaria, mas tambem mais segura, visto que se poderá obstar á formação de residuos e incrustações, que dão origem aos desastres.

Pelo que mui conveniente seria que este apparelho entrasse em o numero dos que a lei exige para a sobredita navegação a vapor.

---

# LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

## UM ANNO NA CORTE.

### CAPITULO XXVII.

### Novo Roldão.

75 Corte-Real, como dissemos n'um dos primeiros capitulos desta historia, era um edificio composto de um corpo principal, de fórma quadrangular, com um grande pateo no centro, e de dois extensos lanços, coroados de eirados com balaustrada, que se estendiam até ao mar. No andar inferior de um destes lanços, havia uma extensa galeria, em cujas paredes pendiam armas de fórmas variadas, mas de que ainda se fazia uso no seculo XVII; outras que só como ornamento ou objecto de curiosidade mereciam logar n'uma sala de armas.

Era nesta galeria, que o Infante D. Pedro passava ordinariamente as tardes, conversando, com os criados e officiaes da sua casa, das coisas da côrte, de guerras e combates, e sobretudo de forças e valentias, para que sempre mostrára grande inclinação. Havia apenas um anno, que Sua Alteza tomára o costume de ir de tarde para aquella galeria; donde podía gozar o, para elle, apreciavel espectaculo de um cavallo bravo, lutando com a força e a arte do picador, de ferozes cães de filla rasgando-se uns aos outros em lucta encarniçada, ou mesmo de combates corpo a corpo entre os mulatos das cavallariças não menos ferozes do que os cães de filla. Dantes o Infante descia ao picadeiro, e tomava parte tambem naquelles divertimentos grosseiros e brutaes, pouco dignas de um principe; mas a que os dois filhos de D. João IV se entregavam apaixonadamente. Os concelhos, porém, do severo e astucioso D. Rodrigo de Menezes haviam-no convencido de que lhe era conveniente não imitar os desvarios de El-Rei, mostrar-se socegado e grave, para augmentar o seu poder e trazer pela simpathia maior numero de fidalgos ao seu partido. Esta fôra a causa por que Sua Alteza modificára os seus habitos, se abstivera de toda a communicação immediata com os moços das cavallariças, se cercára de creados nobres, e escolhêra para casa de recreio a galeria das armas, cuja situação era a mais conveniente, para elle poder gozar do espectaculo de exercicios de força, em que resolvêra não tomar parte, mas porque conservava extraordinario gosto.

É nesta galeria que vamos agora encontrar Sua Alteza, encostado a uma das janellas, que deitavam para o Téjo, com os olhos voltados para o horisonte, onde o sol estava a ponto de se esconder nas aguas do Oceano. Ao lado de Sua Alteza, de pé, familiarmente encostado á janella, estava o Conde da Torre: dentro da sala, a pouca distancia conversavam em voz baixa alguns creados.

Depois de um instante de silencio, o Infante murmurou voltando-se para o Conde:

— Já vae tardando!

— Talvez o maldito do valido o mandasse assassinar tambem — bradou o Conde da Torre.

— Que dizes, Conde? Não pode ser, Deus nos livre de tal. O meu pobre Rodrigo!

— Nenhum de nós lhe escapará talvez! Como o Castello-Melhor manda em tudo, e tudo governa, quem sabe se daqui a dois dias estará vivo ainda um só dos servidores de V. A.! O Conde de S. João lá vae já caminho de Traz-os-Montes, apesar de estarmos no coração do inverno; eu, já tive ordem de ir fazer gente para o exercito do Alemtejo; e sabe Deus se ambos acabaremos as nossas diligencias, sem encontrarmos o punhal de algum dos valentes de El-Rei?

— Não ousarão tanto!

— Não vê, V. A., que a tudo se atrevem esses ministros insolentes! — exclamou o Conde, batendo com o punho no parapeito da janella. — Se até a negarem a V. A. o que de justiça lhe pertence, elles se atrevem! Veja como, consultando um a um os conselheiros de estado e aproveitando futeis pretextos, tem sabido impedir até agora V. A. de tomar posse do logar de capitão general, que por tantos motivos lhe pertence!

— Mas ao meu Estribeiro-Mór, não se me atrevem elles! De dia, nas ruas da cidade... É um susto sem fundamento — disse o Infante n'um tom de voz mal seguro e enleado, que parecia desmentir o socego que as palavras affectavam, ou pelo menos provar que uma grave apprehenção lhe pezava no espirito. — D. Rodrigo foi a Santo Antão, fallar com o padre Vieira; logo, em elle voltando, saberemos a causa da sua demora.

— O privado não póde perdoar a D. Rodrigo de Menezes, o não ter aceitado o cargo de Vice-Rei da India, que lhe elle mandou offerecer; afim de o affastar para longe de V. A. Mas livre-se o Castello-Melhor, elle e todos os seus, que um dia eu os apanhe debaixo de mão! Hei de provar-lhes que o Conde da Torre ainda é o mesmo que na batalha do Canal matou trinta hespanhoes, e apresionou cincoenta.

Um rapido e quasi imperceptivel sorriso encrespou o beiço superior do Infante. Sua Alteza dava grande apreço ás historias maravilhosas, que o general, *cuja fama se encerrava em patarata*, como dizia o pasquim castelhano, inventava a cada passo para provar o seu valor, de que muita gente duvidava, e a sua força, em que era dificil não acreditar ao ver as suas athleticas proporções. Apezar da tristeza, que manifestamente lhe pezava no espirito, Sua Alteza, pondo a mão no hombro do Conde, disse:

— Nessa batalha foste um novo Sansão, Conde.

— Não digo tanto, meu Principe — respondeu este, indireitando-se magestosamente. — Não fui um novo Sansão; mas fiz o que acabo de dizer a V. A. Trinta hespanhoes sentiram o peso da minha espada; cincoenta estiveram pendurados na minha mão direita.

— Como foi isso? — perguntou o Infante; que tinha desejo de se destrair, como todo o mancebo de dezoito annos, a quem uma idéa triste incommoda.

— Eu conto a V. A. como foi. Imagine V. A. que isto é o valle, por onde passa a estradita a que chamam o *canal* — disse o Conde apontando com o bastão para o espaço que medeava entre a janella e algumas cadeiras situadas a pouca distancia. — Aqui o parapeito, é o monte occupado pelo nosso exercito; e aquellas trez cadeiras, as trez collinas de que os castelhanos estavam senhores. Proximo á primeira collina da direita, a mais ingreme, de todas, e onde se estabelecêra o proprio D. João d'Austria, é que estava formada em columnas a cavallaria inimiga. Foi por alli, que a batalha começou: cavallaria contra cavallaria...

— Que bello espectaculo!

— V. A. não póde imaginar o que foi aquelle combate! Um mar escuro e revolto de homens e cavallos, sulcado por milhares de relampagos, que as espadas, illuminadas pelos raios do sol, pareciam accender no ar! Mal se travou a peleja entre a nossa e a cavallaria inimiga, logo quatro terços de infantaria, se pozeram em marcha para a primeira collina; o terço dos Inglezes pela esquerda, os terços de Francisco da Silva e do Menezes pelo centro, e o de Tristão da Cunha pela direita. A cavallaria hispanhola caíu sobre os inglezes, mas foi recebida com um chuveiro de ballas, e deixou-lhes livre o passo. Do alto do monte, as descargas de mosquetaria eram sem parar; mas os nossos subiram sempre, sem se descompor, sem darem um tiro...

— Morreram muitos?

— Alguns morreram, em quanto iam pela encosta. Mas apenas os terços, que occupavam o centro, chegaram ao pé do inimigo, deram uma descarga á queima-roupa; os capitães tiraram as espadas, e os hispanhoes deram-lhes as costas e fugiram.

— Foi então que mataste os trinta hispanhoes?

— Não, meu Principe, não foi nesta occasião. Quasi ao mesmo tempo que a primeira collina, foi atacada a segunda; menos ingreme, é verdade, mas egualmente bem defendida. Fui eu que commandei os terços de infanteria e os esquadrões de cavallaria, que investiram este segundo baluarte do exercito inimigo. Na frente de todos, com a espada na mão, subi a encosta a cavallo; sem que me fizessem torcer ou desviar da linha recta, nem os tiros dos castelhanos, nem os barrancos do caminho. Caí sobre os hispanhoes, e zás! Atravessei de banda

a banda a primeira linha, como uma balla de canhão. Um, dois, tres, quatro, dez castelhanos cairam logo alli mortos de um bote da minha espada. Eram gritos e gemidos por todos os lados; fugia tudo diante de mim, como se eu só valesse tanto como um exercito.

Estas ultimas palavras eram acompanhadas de gestos furibundos e de gritos discordes, como se o heroico general estivera realmente á barba com os terços de D. João d'Austria.

— Chegaram os terços — proseguiu elle com o mesmo enthusiasmo, — e os inimigos, que eu já tinha posto em confusão com os golpes da minha espada, largaram as armas, e deitaram a fugir pela encosta abaixo. Depois de ter dado cabo alli mesmo de uns trinta castelhanos, larguei o cavallo a gallope, para vêr se aprisionava alguns officiaes que iam fugindo. A poucos passos, porém, uma bala perdida quebrou-me a mão direita do cavallo, e caí. . .

— Foi o que valeu aos hispanhoes, hein!

— Não lhes valeu de muito: porque eu, sem perder o animo, soltei-me dos estribos a que tinha ficado prezo, e corri a um muro alto, que estava perto, por detraz do qual tinham de passar os que iam fugindo. Era quasi noite, assim por estas horas; escondi-me atraz do muro e esperei.

— Uma embuscada perfeita.

— Tal e qual. Foi uma pescaria de hispanhoes, como V. A. vae vêr. Passou um Mestre de Campo, e eu, sem dizer palavra, estendo o braço, e up! O meu castelhano filado, içado por cima do muro, mão na boca para não gritar, espada fóra, e a caminho para o alto do monte, onde estavam os meus terços. Passa um capitão, e succede-lhe o mesmo. Um alferes o mesmo. Braço fóra do muro, hispanhol pescado.

— Brava maravilha essa! E esse exercicio violento durou em quanto foram passando inimigos?

— Houve um Capitão allemão, que esteve a ponto de dar signal aos seus da minha embuscada.

— Como!

— Já tinha apresionado trinta homens, quasi todos officiaes, quando, estendendo a mão, agarrei uma orelha. Segurei, mas senti grande peso; accudi com a outra mão, e apanhei outra orelha: firmo os pés n'uma pedra e puxo. Estava quasi em cima do muro o meu prisioneiro, que era um allemão de uma obesidade enorme, quando sinto uma coisa fria tocar-me na mão direita, e a orelha separar-se do corpo. . .

— Quem fez essa separação cruenta!

— O maldicto do allemão! Cortou elle a propria orelha com a espada, para se livrar do perigo.

— Mas ficou seguro pela outra.

— Nada. A outra como não podia com o peso, arrancou-se por si.

— Pobre tudesco! — exclamou o Infante rindo.

— Tive receio que elle, com seus alaridos, avizasse do perigo aos hispanhoes que vinham atraz: porém, quando se me soltou das mãos, caiu no chão com tal força, que quebrou ambas as pernas; e, em vez de alaridos, só poude dar gemidos e ais.

— Então continuaste a pescar castelhanos?

— Continuei a divertir-me, meu Principe. Ai, que dia de praser foi aquelle para mim! Quem me dera poder estender agora o braço desta janella, e agarrar um castelhano!

Ao fazer esta exclamação, o Conde da Torre, exaltado pela narrativa das suas fabulosas façanhas, extendeu o braço, e deitou a mão a um vulto que andava pela praia. N'um abrir e fechar de olhos, o desgraçado admirador das bellesas do Tejo, sentiu-se levantar do chão, içar por cima do parapeito da janella, e cahir quasi de joelhos aos pés do Infante D. Pedro.

A desditosa victima dos furores bellicosos do Conde da Torre era um homem entre os vinte e cinco a trinta annos, baixo, magro, um pouco desproporcionado, e com o hombro direito mais descaido que o esquerdo. Uma pallidez permanente, mas que o terror havia augmentado naquella ocasião, dava-lhe á pelle a côr esverdeada da azeitona: o rosto, que ornavam bigode, sobrancelhas e pestanas negras como azeviche, e assombrava ampla grenha de cabellos crespos e grossos, era de uma expressão dubia, entre astuciosa e adormecida, humilde e desconfiada, mansa e colerica, intelligente e insignificante. O chapeo acairellado que lhe caíu da cabeça, e o bastão que se lhe desprendeu das mãos ao dar em terra, depois da viagem aérea que o pulso do Conde o obrigára a fazer, mostravam que elle era capitão de milicianos.

Espavorido ao vêr-se cercado de vultos, que a tenue luz do crepusculo não deixava distinguir bem, n'uma casa, cujas paredes estavam cobertas de armas de todos os feitios, e em que fôra lançado de um modo tão extraordinario como

inopinado, o Sr. Aniceto Muleta (assim se chamava o pobre miliciano) sem se erguer da postura humilde em que o haviam deixado, levou as mãos á cabeça, e, tapando os olhos murmurou:

— Não me matem!

Uma estrondosa gargalhada rebentou de todos os lados. Ouvindo esta manifestação de alegria, quando esperava sentir o ferro de algum assassino cravar-se-lhe no coração, Aniceto Muleta cobrou animo, tirou as mãos dos olhos, poz-se lentamente de pé, afagou o bigode metendo na boca 'as pontas dos cabellos, apanhou o chapéu e o bastão, balançou-se ora n'um pé ora n'outro como fazem as garças ribeirinhas, e depois de um minuto de silencio, arrancou do peito, n'uma voz cava, baixa, tremula, as seguintes palavras:

— Insultastes-me, senhores! Ousastes pôr a mão, n'um capitão de milicianos! Não se escarnece impunemente de um homem, que tem uma espada á cinta.

Segunda gargalhada, mais estrondosa do que a primeira, veio interromper as ameaças do Sr. Aniceto Muleta.

Exasperado, e, sobre tudo, certo de que lhe não queriam fazer mal, rompeu em queixas violentas contra aquelles que suppunha terem proposito firme de o offender.

— Pendurar pelas abas da casaca um militar, que tem entrado em cinco batalhas! — dizia elle, levando a mão lentamente ao punho da espada. — Isto não póde ficar assim! Estou no Corte-Real, ir-me-hei queixar a Sua Alteza, e se me não fizer justiça, então... então... vou-me queixar a El-Rei.

— E essa espada de que lhe serve, Sr. Aniceto? — perguntou o Conde da Torre, pondo a mão no hombro do miliciano.

A voz do Conde, e o duro contacto daquella pesada mão, causaram um subito tremor no capitão Aniceto Muleta. O chapéu cahiu-lhe outra vez das mãos, as pernas dobraram-se-lhe como se fosse ajoelhar, e, em voz quasi ininteligivel, murmurou:

— O Sr. Conde da Torre! Deus tenha misericordia de mim!

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

*(Continúa.)*

---

# NOTICIAS E COMMERCIO.

## ACTOS OFFICIAES.

### 6 a 16 de Outubro.

DIARIO N.º 237.

76 Resumo do activo e passivo do Banco Commercial do Porto em 30 de Setembro de 1850.

| | |
|---|---|
| Existencia em Caixa. . . . . . | 649:596$824 |
| Notas em circulação. . . . . . | 125:000$000 |
| Capital actual do Banco. . . . . | 1.337:400$000 |

DITO N.º 240.

Portaria resolvendo a representação do Director da Alfandega do Porto, quanto á concessão do abono de 2 almudes de agua-ardente e 2 de geropiga em cada pipa de vinho preparado para embarque.

DITO N.º 241.

Para complemento dos trabalhos relativos ás alterações propostas na Pauta Geral das alfandegas, publica este Diario um projecto das respectivas instrucções preliminares com o titulo — Pauta Geral dos Direitos de entrada, sahida e armazenagem em todas as Alfandegas de Portugal, Ilhas dos Açores e Madeira.

DITO N.º 242.

Decreto prorogando por mais um anno o prazo, para que os Credores do Estado, por dividas contrahidas nos Açores, possam apresentar os seus titulos na Junta do Credito Publico para serem convertidos em Inscripções.

DITO N.º 243.

Relação nominal dos Consules Geraes, Vice-Consules, e Agentes consulares de Portugal nos paizes estrangeiros.

---

## EXPLICAÇÕES EPISTOLARES.

*Muito Rev. Sr. P. Recreio.*

77 Agradeço cordialmente a V. Rev., a attenção com que se dignou fazer-me constar, em carta datada de hontem, *que escrevera a expressão*, de que eu me dera por offendido, *sem allusão alguma determinada.*

Todas as duvidas que a principio me suscitou a leitura da carta de V. Rev., se desvanecem com esta terminante asserção, firmada com o nome, já hoje tão popular, de V. Rev.

Nem precisava que V. Rev. se désse ao incommodo de reduzir a minha *queixa a metade*, e *essa* mesma metade *a zero* — bastava aquella singela explicação, para eu me dar por satisfeito. Sinto sómente que V. Rev. esteja desconfiado (segundo manifesta) de que eu fazia empenho em *ser injuriado* por V. Rev. É forte sina a minha, de ser figurado na mente de V. Rev.

tão outro do que realmente sou! Deus me avivente, e me tenha sempre entaipadas as portas da Academia — porque se V. Rev. chegasse a fazer-me o *necrologico*, pintava-me á posteridade tão ao vivo como uma tapeçaria do avêsso!

O que me cumpre respeitar, é a supposição em que V. Rev. está, de que a minha carta lhe irrogou tambem injuria. Nesta hypothese, digo, se por acaso ao escrever o *papel manso*, me tombou a penna para alguma das mais travêssas figuras da rhetorica, em que costumo deliciar-me, e com isto lhe faltei ao decoro devido, declaro que as dou por não escriptas, e as hei por trancadas, não só como um processo findo, mas como autos nullos.

Saldadas assim as nossas contas, permitta agora V. Rev. que eu lhe faça publicamente uma declaração, para que fique conhecendo bem o meu caracter, e veja que aborreço tanto a adulação como o vituperio.

A questão pessoal entre nós acabou. — Mas fica pendente uma questão mais grave, a do pundonor de nós todos, os que pertencemos á milicia que guarnece a imprensa politica e litteraria, e que V. Rev. ousou offender na pessoa de um dos nossos mais honrados e peritos capitães — o Sr. A. Herculano! Podia V. Rev. em defeza do Clero, refutar e condemnar os escriptos por elle publicados — mas affronta-lo directamente no seu caracter moral, vilipendiar as suas lettras com chufas que se não toleram nem no estylo mais devasso, e ouvirmos nós isto, sem nos subir o sangue ao rosto! sem protestarmos perante todo o Portugal! illustrado e honrado com tantos escriptos deste auctor, contra tão asselvajadas calumnias, fôra desbrio e ingratidão, que Deus não permittirá hajamos de commetter em toda a nossa vida.

Não sobre theologia, de que não intendo, mas quanto a este ponto, V. Rev. me terá, em quanto não fizer como o lepроso do Evangelho, por um dos seus mais francos, e mais accesos antagonistas.

Quem me avisa, meu amigo é.

O espirito evangelico assista a V. Rev. quando estiver com a penna na mão, como demanda o decoro do clero, e deseja o

De V. Rev.
att. ven.
A. DA SILVA TULLIO.

---

Eis aqui a carta que foi enviada a esta redacção:

*Sr. A. da Silva Tullio.* — Quando no meo opusculo — *Justa desaffronta em defeza do clero* — usei das expressões «*escrito forte*, como adulatoriamente lhe chamou hum seo apaniguado» não me lembrei que a propriedade das palavras *escripto forte* era de V. s.ª, nem tinha para que fazer similhante allusão. Demais sendo a sua expressão, como diz, *papel forte* e a minha *escrito forte*, he claro que o motivo da sua queixa se deve enfraquecer e ficar pela metade, que neste caso he equivalente a *zero;* salvo se V. s.ª tem privilegio exclusivo para só usar das duas referidas expressões.

Escrevi aquella minha expressão sem alguma allusão determinada; e não poderia eu faze-lo sem esperar que V. s.ª ou algum outro viesse disputar-me o amplo e livre direito do meo pensar?

Igualmente para V. s.ª provar o facto de que me argue, era preciso que podesse mostrar que eu não tivera ouvido vagamente de alguem a dita expressão, ou mesmo se me figurasse te-la lido em outra parte.

Dado porém que se fizesse vêr a realidade da injuria, que V. s.ª quer por força eu lhe fizesse; muito mais injuriado me devo eu reputar na *eruditissima* que me escreveo; o que deixo ao juizo do publico.

Disposto a soffrer as affrontas de mais um (sem que ellas quaesquer que sejam me levem a responder a mais algum) tenho a honra de ser — De V. etc. — *Francisco Recreio.* — Lisboa 15 de outubro de 1850.

---

## TERREMOTO E PHENOMENO ATMOSPHERICO.

78 Em data do 1.º de Setembro escrevem de Argel que no dia antecedente, pelas sete e quarenta minutos da tarde, sentiu se alli um forte tremor de terra; o movimento foi de sueste a nordeste; n'algumas povoações visinhas acompanhou-o um ruido subterraneo mui intenso. Em Budjaviaah os habitantes espantados abandonaram as casas. Pelas nove e meia houve outro repellão, mas muito menos sensivel.

As noticias recebidas de Sicilia confirmam uma observação, que por mais de uma vez tem sido feita em Argel, e vem a ser que os tremores que se experimentam nesta ultima cidade sentem-se simultaneamente na Sicilia, ao passo que não se reproduz em Tunes o mesmo phenomeno.

No dia 3 do referido mez os moradores de Blidah, sub-perfeitura de Argel, foram testimunhas de um phenomeno atmospherico bastante curioso. Em todo o dia o céu esteve coberto de nuvens expessas e o ar carregado de electricidade. Ás quatro e meia da tarde as nuvens amontoaram-se nas serranias do Atlas, e a obscuridade foi completa: então se ouviu o rijo estampido de um trovão, e o echo prolongou-se tanto nas gargantas de Chiffa e de Oued-el-Kebir, que simulava o bramido das vagas em temporal desfeito: augmentando-se o estrondo, parecia que enormes penhascos se desprendiam das montanhas e rodavam com temeroso baque até o fundo dos desfiladeiros. O arruido durou trinta e cinco minutos sem interrupção; cahiu um corisco e então rasgou-se o véu que toldava o ar, e desabaram torrentes de chuva durante algumas horas.

---

## COCHE RICO.

79 Muitos jornaes de Paris disseram — que se fabricava, em Vienna, um coche para a coroação do imperador de Austria; o que não é inteiramente exacto, por quanto ha de servir o coche de ha muito destinado áquelle solemne acto, sendo o que mandou construir o imperador Carlos IV para a coroação de Maria Thereza e foi empregado nas de José II, Leopoldo II, Francisco I, e Fernando I. A unica alteração consistirá em substituir-se a coroa do imperio de Austria pela do imperio de Alemanha, e fazerem-se os arreios para mais uma parelha, visto que deverá ser puxado a oito cavallos como na coroação de Francisco José I, em vez de seis como sempre se praticára.

Este coche é dos mais esplendidos e bellos que no seu genero se conhecem na Europa: só os doirados custaram setenta e dois contos de reis; as pinturas que aformoseam a parte exterior são obras magistraes devidas ao pincel de Rubens e de outros insignes artistas: o veludo carmezim de que é forrado interiormente nada tem perdido do seu primitivo brilho, apesar de terem decorrido dois seculos desde a data da construcção.

---

### EUROPEUS EM ARGEL.

80 No primeiro semestre do corrente anno (31 de março) a população europea da Algeria, montava a 115:240 individuos, isto é, 2:635 mais que em 31 de dezembro de 1849.

Neste numero contam-se 58:181 francezes, 35:607 hespanhoes, 230 portuguezes, 7:140 italianos, 6:995 anglo-maltezes, 3:836 allemães, 1·240 suissos, 600 anglo-hispanos, 381 belgas e hollandezes, 207 polacos, 221 inglezes e irlandezes, 86 gregos, 24 russianos, 492 de diversas nações. O total está repartido nas tres provincias deste modo: —

Argel 58,288 pessoas; Oran 37,301: Constantina 19,651.

---

### POPULAÇÃO DA ILHA TERCEIRA.

81 A Ilha Terceira, segundo o mappa official da população no anno de 1849, conta nos seus tres concelhos com 23 freguezias, 9:183 fogos com 41:539 habitantes, distribuidos da maneira seguinte: —

Concelho de Angra do Heroismo 11 freguezias com 5:104 fogos, pessoas do sexo masculino maiores de 7 annos, 8:249, ditas do sexo feminino, 10:821, menores até 7 annos inclusivè, de ambos os sexos 3:724, total 22:794 individuos; nascimentos 803, obitos 339, casamentos 146.

Concelho de S. Sebastião, 2 freguezias com 751 fogos, pessoas do sexo masculino 1:258, do sexo feminino 1:487, menores até 7 annos 608, total 3:353, nascimentos 95, obitos 44, casamentos 21.

Concelho da Villa da Praia, 10 freguezias com 3:328 fogos, pessoas do sexo masculino 6:062 do sexo feminino 6:793, menores 2:537, total 15:392, nascimentos 503, obitos 254, casamentos 153.

A população da Terceira, não obstante a muita gente que tem emigrado para o imperio do Brasil, apresenta, segundo os mappas estatisticos dos ultimos 4 annos, um augmento de 350 fogos e 844 habitantes.

---

### BOLETIM COMMERCIAL.

82 *Praça da Bahia*, 10 de Agosto.

PREÇOS DE ALGUNS GENEROS DE IMPORTAÇÃO.

Azeite de Oliveira, 4$000 a 4$300 rs. a canada, as transacções eram insignificantes.

Passas de uvas, 5$000 a 5$200 rs. a caixa. — Nominal.

Massas, 4$200 a 4$500 rs. a caixa.

Sal, 400 a 500 rs. o alqueire.

Vellas de sebo, 7$500 a 9$500 rs. a arroba. — Abundante.

Vinagre portuguez, 70$000 a 75$000 a pipa.

Vinhos tintos de Lisboa, 120$000 a 130$000 rs.

« brancos de dita, 120$000 a 140$000 rs., pagam de direitos 240 rs. de cada canada.

« da Figueira, 120$000 a 125$000 rs., pagam 200 rs.

« do Porto, 125$000 a 200$000 rs., pagam 500 rs. em canada.

As ultimas transacções deste genero foram em vinho da Figueira a 122$000 rs a pipa.

GENEROS DE EXPORTAÇÃO.

Assucar, houve declinação nos preços; mas, em rasão das grandes differenças nas qualidades existentes no mercado, era difficil fixar a quotação, por quanto ao mesmo tempo que os preços estavam marcados a 1$400 e 1$800 por arroba, e 1$500 e 1$900, com abatimentos nas qualidades inferiores, houve compras de assucares, 1.ª sorte, 1$600 e 2$000 rs.

Algodões, não havia transacções e os preços eram nominaes, o de Maceió 6$200 a 6$400 rs., o da Bahia da mesma maneira.

Café, lavado, 4$600 a 5$600 rs., não lavado, de 1.ª sorte 4$200 a 4$800, de 2.ª sorte, 3$600 a 4$000 rs., ordinario, 2$800 e 3$200 rs.

Coiros verdes, a 60 rs. o arratel, seccos a 115 a 120 rs., salgados, 90 a 95 rs. Fizeram-se consideraveis transacções durante a semana; extrahiram-se perto de 7.000 salgados pelo preço quotado; as quantidades existentes são pequenas.

Tabaco, os preços conservam-se muito firmes, folha 4$000 a 8$000 rs. a arroba, rolo 1.ª sorte 3$200 a 6$000 rs., 2.ª sorte, 3$000 a 3$200 rs.; havia pouco em primeira mão.

Chifres, 3$000 a 3$200 rs. o cento.

METAES.

Doblas de oiro, hespanholas 30$500 a 31$000 rs.

Peças de oiro, 16$400 a 16$600 rs.

Soberanos de oiro, 9$200 a 9$400 rs.

Patacas brazileiras e duros hespanhoes, 1$980 a 2$000 rs.

---

## BIBLIOGRAPHIA.

83 CONFERENCIAS NO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DE PARIS, pelo Reverendo Padre Lacordaire.

Sahiu o 7.º vol., e o 8.º já fica no prélo. Toda a obra deitará a uns 12 volumes, vindo por tanto a custar a tradução muito menos de metade do que custa o original.

As pessoas, que desejarem assignar para esta utilissima obra (120 réis cada um volume) devem fazel-o até ao dia 15 de Novembro proximo, depois não se recebem mais assignaturas, e cada volume custará 200 réis.

Recebem-se assignaturas em Lisboa na rua Augusta n.º 8; Coimbra, loja de José de Mesquita; Porto, rua dos Caldeireiros n.º 9 e 10.